

# A gratuidade como fundamento para as relações sociais



(Foto: JB Neto / Faculdade Asces)

Gennaro Iorio

**H**á três anos, um grupo de 50 estudiosos do âmbito da Sociologia, entre professores, pesquisadores e estudantes de várias partes do Brasil e da Itália, reuniu-se em Olinda (PE) para discutir o lugar que o ágape - amor fraterno e desinteressado - ocupa na instauração de novas relações sociais entre pessoas, grupos e povos. Era a primeira vez que se realizava no país um seminário para aprofundar o tema, que está se tornando uma das novidades mais vibrantes da pesquisa no âmbito sociológico.

Num mundo globalizado como o atual, a sociedade precisa de um novo elemento cultural que ajude na convivência e no diálogo entre as diferenças. Um grupo de estudiosos de diversos países propõe o amor como esse elemento, demonstrando como a identidade de cada um desenvolve-se e expressa-se na acolhida da identidade do outro

José Antônio Faro

O evento foi promovido por um grupo de pesquisadores que, na linha do “Paradigma da Dádiva”, estudam o ágape como fundamento e raiz de todo o agir social. Esses pesquisadores fazem parte da SocialOne, grupo de pesquisa formado por estudiosos de diversos países, que, há mais de uma década, aprofunda o conceito de “agir agápico”, ou seja, um novo modo de relacionar-se, a partir de uma relação de gratuidade e doação.

Entre as principais referências da pesquisa no tema está o professor Gennaro Iorio, com o qual a Revista Pano de Fundo conversou, recentemente, por ocasião de uma de suas visitas ao Brasil. O estudioso, que é titular do Departamento de Estudos Políticos, Sociais e de Comunicação da Universidade de Salerno (Itália), fez uma ampla análise da crise da sociedade global e do ágape como possível resposta à demanda de um novo modo de relacionar-se no contexto das mudanças culturais e sociais pro-

vocadas pela globalização econômica e cultural do mundo.

*Antes de entrarmos no objeto específico de sua pesquisa que é o amor-ágape como fundamento das relações sociais, gostaríamos que o Sr. fizesse uma leitura da realidade do mundo atual...*

Eu sou italiano, então, naturalmente, vou falar da nossa experiência enquanto sociedade europeia, daquilo que são as transformações sociais que estamos vivendo. Mas, tenho certeza que, em parte, estas transformações são as mesmas que ocorrem aqui no Brasil, porque vivemos num mundo que é definido como sociedade global.

Na Europa, estamos vivendo uma transformação muito forte do ponto de vista estrutural da sociedade. Um grande autor norte-americano, Daniel Bell, definiu essa transformação com um conceito, o de “sociedade pós-industrial”. Isso significa que



(Foto: Yarik Mishin - Getty)

estamos numa fase intermediária, de passagem, que marca o fim da sociedade industrial e o início de uma sociedade que ainda não está definida na sua estruturação.

A sociedade pré-industrial era uma sociedade na qual a produção, a economia, tinha a produção agrícola como fundamento, e era caracterizada pelo trabalho não especializado. Com o final da Segunda Guerra, teve início a fase de transformação rumo a uma sociedade industrial, que compreende o trabalho especializado e o surgimento de uma classe operária; que compreende também um processo de urbanização, ou seja, a formação das cidades ao redor das fábricas. Nesse contexto, os camponeses deixavam o campo e se estabeleciam nas cidades, tornavam-se operários e cidadãos urbanos.

Este processo de industrialização durou cerca de 30 anos, do final da Segunda Guerra Mundial aos anos 1970. A partir deste período, a Europa presenciou outra transformação: a da economia pós-industrial. O que caracterizava esta economia era o fato de que a maior parte das pessoas estava empregada no trabalho do setor terciário. Ou seja, grande parte dos trabalhadores era formada por profissionais liberais, profissionais dos setores Tecnológico e de Serviços.

***Do ponto de vista cultural, qual foi a principal mudança introduzida pela sociedade pós-industrial?***

Nessa sociedade, amadureceu também uma cultura que ficou conhecida como pós-moderna, uma cultura baseada no consumismo e

na revalorização do entretenimento. Nessa linha, houve uma supervalorização do corpo e surgiram também as profissões ligadas ao fisiculturismo. Por outro lado, a informação e o conhecimento se tornaram fatores produtivos. Basta pensarmos a toda a economia ligada à informação, às novas tecnologias, ao uso de Internet, ao celular ou às redes sociais.

Isto representou uma grande transformação porque, enquanto na sociedade industrial, a economia era ligada à quantidade, na sociedade pós-industrial, os fatores produtivos estavam ligados ao conhecimento, ao saber. Portanto, a riqueza que se produz numa sociedade pós-industrial tem menos peso físico do que na sociedade industrial. Trata-se de uma sociedade que transformou a sua →



(foto: philippk - Getty)

lógica organizativa. A sociedade era organizada hierarquicamente, e, agora, possui uma organização baseada no networking.

Na sociedade industrial havia a grande fábrica com uma organização hierárquica, mas, na sociedade pós-industrial, a rede impõe outro tipo de organização, ou seja, funciona segundo a lógica binária entre quem está dentro e quem está fora desta.

***Isso significa concretamente que a sociedade pós-industrial instituiu novos tipos de exclusão?***

Sim, com a sociedade pós-industrial, a questão da desigualdade retorna com uma força ainda maior do que antes. Na sociedade industrial, tínhamos construído um sistema de welfare (bem-estar), de intervenção do Estado, que tinha a função de redistribuir a riqueza produzida, a fim de se poder reduzir as desigualdades, assegurando a todos os cidadãos o mínimo de instrução, de saúde, e de Previdência, além de um sistema de pensões para os idosos e para os que não podiam trabalhar.

A sociedade em rede jogou pro ar todo esse sistema econômico e social.

***E por que isso aconteceu?***

Porque a economia pós-industrial não podia ser mais administrada pelo Estado Nacional. Anteriormente, empresas como a Fiat, por exemplo, tinham uma relação muito próxima com a sociedade italiana. Nas últimas décadas, a Fiat se tornou uma empresa multinacional, global. Tem seu centro de pesquisas entre a Itália, os Estados Unidos, o Japão e tem centros produtivos em diversas nações. O maior entre estes centros foi

inaugurado, justamente, há alguns meses em Recife com a perspectiva de produzir 250 mil automóveis por ano e empregar uma média de 9 mil pessoas.

A economia se tornou uma economia em rede e isso impede que o capital seja controlado por um Estado Nacional. A Fiat transferiu a sua sede para a Holanda e, portanto, não sabemos bem onde ela paga os impostos. É justo que cada empresa pague os impostos no país no qual produz os lucros.

Portanto, existe uma contradição neste novo modelo de sociedade: um conflito entre o capital e o controle deste capital. Ou seja, estas empresas conseguem escapar dos mecanismos de redistribuição das riquezas, que são fundamentais também para o funcionamento da democracia, porque este sistema se fundamenta também na igualdade entre os cidadãos.

No entanto, as mudanças trazidas pela sociedade pós-industrial não são apenas econômicas, mas também culturais. Uma grande mudança cultural diz respeito, por exemplo, à transformação da família, sobretudo no que diz respeito às relações entre o homem e a mulher.

Na sociedade pré-industrial, o modelo de família que prevalecia era o modelo patriarcal, já na sociedade industrial, a família típica era a família nuclear e, portanto, a família caracterizada pela igualdade entre o marido e a mulher. Na sociedade pós-industrial, em rede, as ligações familiares se tornaram muito mais frágeis. Não conheço a situação do Brasil, mas na Europa temos fenômenos novos: de instabilidade familiar, de aumento de separação e divórcios, de redução da taxa de

natalidade e também o de aumento do número de famílias unipessoais.

Portanto, temos uma redução da solidariedade em nível coletivo pela falta de controle do capital seja em nível microsociológico com a desestruturação da instituição familiar.

***Mas a sociedade pós-industrial é caracterizada também por movimentos sociais de resistência. O que o Sr. teria a dizer a esse respeito?***

De fato, com o modelo de sociedade pós-industrial surgiram também movimentos sociais que tentam responder às transformações que o ovo modelo social impunha. Quero me deter, de modo particular, a três destes movimentos, que são três modos de responder à sociedade globalizada, na qual os fluxos de saberes e de informações se tornaram o elemento estrutural da economia e dos modos de organizar a sociedade.

Existem os movimentos que podemos definir como de resistência. São aqueles que rejeitam o novo modelo de sociedade, como, por exemplo, os fundamentalismos. São movimentos que estão relacionados a identidades e a valores que são ameaçados pelo novo tempo histórico. Existem aqueles que, por exemplo, redescobrem as religiões antigas, a raça.

Assistimos também ao surgimento de movimentos que trabalham para legitimar o que existe. Nessa linha, podemos pensar nos velhos movimentos sindicais ou associativos, que, simplesmente, empenham-se para diminuir os efeitos negativos do novo modelo de sociedade.

Mas existem também os movimentos projetuais. São aqueles que aceitam as mudanças, procurando dar a elas um sentido novo, empe-

nhando-se por transformar a sociedade numa direção positiva. Para isso, utilizam os recursos culturais disponíveis para criar novas identidades, procurando transformar a estrutura social.

***“O ágape requer de todos uma atitude de generosidade, mediante um agir que não é utilitarista, como aquele que tem como referência o sistema de troca de mercado”***

***Como o Sr. avalia esses movimentos?***

Eu percebo que se pode enfrentar a situação trazida pela sociedade pós-industrial fechando-se, com medo, ou aceitando o desafio do “novo” e abrindo-se às novas possibilidades que surgem. Quem rejeita as mudanças e se fecha, toma, muitas vezes, o caminho da violência. Quem, em vez disso, aceita a transformação de maneira positiva, procurando, inclusive, corrigir os efeitos negativos que existem neste novo modelo de sociedade, pode encontrar os instrumentos culturais para estar nesta sociedade e mudá-la.

***Nos seus estudos, o Sr. apresenta o amor-ágape como uma estratégia positiva para participar da transformação da sociedade. O que tem a dizer a esse respeito?***

Certamente, uma das vias positivas de transformação da realidade está ligada àquele componente cultural que, no Ocidente, definimos como amor e que, na sua dimensão social -

não na sua dimensão íntima e pessoal - nós definimos com o conceito de ágape, comumente entendido como amor desinteressado, gratuito.

O ágape requer de todos uma atitude de generosidade, mediante um agir que não é utilitarista, como aquele que tem como referência o sistema de troca de mercado. No entanto, o conceito de ágape não se limita ao princípio da justiça, já que a justiça está baseada num critério distributivo entre o dar e o receber e nem mesmo se limita apenas ao conceito de solidariedade, porque o supera.

***Então, em que se fundamenta o conceito de ágape?***

O ágape se fundamenta num elemento de excedência, no sentido que supera o que é ligado ao próprio interesse, e tem por objetivo produzir benefício para os outros. Nessa linha, o agir segundo o princípio do amor-ágape responde a uma necessidade de nível pessoal, mas também de nível estrutural e coletivo, ou seja, a necessidade de se reconhecer a identidade dos outros. Quando nós reconhecemos as identidades que são diferentes da nossa, construímos e nos tornamos conscientes das nossas próprias particularidades, das nossas características identitárias.

***Pode explicitar melhor a relação entre o ágape e as diversas identidades culturais?***

Num mundo globalizado, no qual os distantes – distantes de religião, distante de etnia, de cultura, de tradição – tornam-se próximos, o melhor modo para preservar a própria identidade é o de se tornar guardião das diferenças dos demais e isso só acontece mediante um agir que tem



como base o ágape. Quem deseja a destruição da identidade dos outros, acaba destruindo a própria particularidade e, portanto, a própria identidade.

Portanto, neste mundo que se unificou, que se globalizou, nós estamos diante de uma bifurcação: existe quem sente a tentação de construir uma globalização que é uma espécie de neocolonialismo, ou seja, a tentação de impor as próprias regras, as próprias convicções, a própria identidade. Mas existe também quem faz a escolha de construir um mundo global em que as diferentes identidades, tradições e culturas são reconhecidas.

Quem faz a opção pela primeira possibilidade, usa os instrumentos da violência e da imposição. Mas quem, diante deste novo mundo, faz a opção de construir um mundo em que os diferentes estão juntos e se reconhecem mutuamente, faz a escolha da estratégia do ágape. Isso do ponto de vista da identidade, seja em nível micro que em nível macro, seja em nível interpessoal que em nível das culturas.

### ***No nível das instituições o que muda com o ágape?***

Todos nós somos chamados a nos empenhar na construção de novas instituições capazes de gerir os processos estruturais que caracterizam a sociedade global. Na sociedade industrial, o Estado-Nação exercia a função de redistribuir a riqueza e, portanto, de controlar os grandes

grupos econômicos mediante o controle fiscal. Hoje nós não temos mais uma autoridade política democrática capaz de governar a nova economia global, porque os nossos estados e a nossa autoridade política têm ainda uma base nacional e, portanto, não conseguem enfrentar os sujeitos econômicos atuais que são transnacionais.

Essa situação está gerando novas formas de desigualdades entre países ricos e pobres. Mas também no interior dos próprios países está fazendo crescer a distância entre ricos e pobres. Devemos encontrar estratégias apropriadas para enfrentar estes problemas, construindo instituições mais adequadas aos processos sociais reais da atualidade. Isso significa que nós precisamos colocar em sintonia a sociedade, que é global, e instituições democráticas também globais.

Essas instituições devem ter como fundamento, justamente, o princípio do ágape, que ajuda a garantir não apenas a justiça social, mas também o respeito e a preservação da particularidade identitária de cada povo, de cada tradição, de cada indivíduo.

### ***Em questões concretas como, por exemplo, o crescente problema das imigrações em todo o Planeta, o que o princípio do ágape tem a dizer?***

O problema das migrações no Planeta revela o quanto o mundo está cada vez mais unificado, no sentido que, em diferentes países,

enfrentamos os mesmos desafios. O problema é os enfrentamos com categorias velhas, ou seja, com a ideia da cidadania nacional, enquanto, na realidade, os processos são globais. Como o Estado Nacional é insuficiente para governar os novos processos econômicos, do mesmo modo é insuficiente para gerir os processos migratórios.

Os fluxos migratórios são internacionais. Para enfrentar esse problema, devemos fazer um salto cultural, que consiste em reconhecer um direito natural de todas as pessoas: a sua dignidade, e permitir que esses direitos mudem de lugar junto com as pessoas. Em outras palavras, devemos pensar numa cidadania global.

Obviamente, isso gera outros problemas concretos como, por exemplo, o da identidade. Quando os muçulmanos chegam na Europa cristã, alguns têm medo e dizem: “Fechemos as fronteiras”. Eles veem a própria identidade ameaçada e, então, responde com o medo, o que faz com que os imigrantes sejam obrigados e separar-se dos outros em guetos.

É preciso compreender que a relação com a diferença é um elemento constitutivo da própria identidade. Temos consciência do que somos na medida em que nos relacionamos com os outros. Este é o fundamento da identidade, da individualidade de cada um.

Portanto, a estratégia do medo é uma estratégia que enfraquece a identidade individual e coletiva. ■